

O quixotesco em Ponciano e Vitorino

Eunice Prudenciano de Souza (UNESP)ⁱ

Palavras-chave: Loucura; Poder; Sociedade; Sátira; Justiça.

Podemos dizer que a partir de **Dom Quixote de la Mancha**, de Cervantes, o romance tomou uma nova configuração. Lido inicialmente como uma sátira às novelas de cavalaria, deu início ao romance moderno e, com o passar dos séculos, tornou-se uma das obras mais significativas da literatura universal.

A reconfiguração do romance foi decorrente do desligamento do indivíduo com a sociedade, como consequência das contradições do mundo burguês. O homem moderno, ao contrário do homem do mundo antigo, separa-se das finalidades do coletivo, e, com o fim da sociedade tribal e o desaparecimento do herói representativo desta classe, o romance, conseqüentemente, passará a representar a divisão de classes da sociedade moderna. Dessa maneira, o herói do romance passará a ser o representante de uma única classe, em confronto com as demais; a oposição entre o indivíduo e a sociedade seria o tema principal dessa nova forma de romance.

Com a desagregação da sociedade tribal, esta forma de representação da ação não pode senão desaparecer da epopéia, uma vez que ela desapareceu da vida da real sociedade. Os caracteres, as ações ou as situações dos indivíduos não podem mais representar toda a sociedade de maneira típica. Cada indivíduo representa apenas uma das classes em luta. E são a profundidade e a validade com que é apreendida uma dada luta de classes em seus aspectos essenciais que definem a essência típica. (LUKÁCS, 1933, p. 95)

Até o final da Renascença não cabia ao discurso literário expressar o banal, a vida de homens infames, ordinários, isso ficava a cargo da fábula, visto que aqueles não podiam servir de exemplo para a máquina do poder. Os que ficavam à margem da sociedade nunca eram postos em cena. A partir de **Dom Quixote de la Mancha** não somente serão postos em cena, mas tomados como protagonistas, sem revelar os traços enobrecedores dos antigos heróis. Assim, o anti-herói só tornou-se possível depois de **Dom Quixote**.

A obra de Cervantes tornou-se uma das principais referências da literatura universal, reveladora de sentimentos, paixões, fraquezas e grandezas do ser humano. Desnuda não as contradições de um único indivíduo, mas algo intrínseco ao ser humano: sua inquietude, insatisfação, sua eterna busca de algo que o complete, que diminua o incômodo com a não identidade como o mundo à sua volta. Identificamo-nos com o bom Alonso Quijano, personagem ensandecida, cuja vontade latente não o deixa compactuar com a realidade que o cerca; para tanto cria um mundo ilusório, cujo destino é o que menos importa e sim a ação e o reconhecimento do indivíduo, imerso em uma sociedade hierárquica e dogmática. Há em **Dom Quixote** “uma manifestação, profética, da solidão radical do homem, do caos absurdo da realidade, e da desilusão sistemática total e sem esperança, que nutre tantas camadas do pensamento e da arte hodiernos” (CAL, 1973, p.11)

Quixote foi eternizado não só pelas diversas reimpressões mas também por ter se tornado um mito, representando um modo de vida: o quixotismo, presente em tantos outros personagens nele inspirados.

Dom Quixote nos ofereceu uma nova maneira de ler o mundo. Serviu de modelo para inúmeras literaturas, pois, sendo uma obra inauguradora de um novo padrão, está na reminiscência da forma. Por outro lado Dom Quixote tornou-se imortal, povoando a imaginação de todos os seus leitores, mexendo com o imaginário de cada um, assim como os romances de cavalaria com o bom Alonso Quijano. No Brasil, ao longo do século XX principalmente, Dom Quixote foi responsável por inúmeras “reescrituras”. Destacamos dois grandes romances brasileiros que de alguma forma fazem referência ao universo quixotesco, cujos autores se disseram admiradores da obra cervantina.

Tanto em **O Coronel e o Lobisomem** quanto em **Fogo Morto** notamos a presença do quixotesco se moldando à perspectiva de vida das personagens. A partir de duas realidades brasileiras diferentes, o mito quixotesco aparece simbolizando um ideário de vida alternativo frente à solidão do homem moderno.

Dom Quixote é o indivíduo solitário em meio a uma classe com a qual não se identifica. O Coronel Ponciano, protagonista de **O Coronel e o Lobisomem**, encarna o indivíduo solitário que tenta a todo custo manter um papel que não é o seu e, dessa forma, enlouquece por não conseguir corresponder ao esperado de sua performance. Vitorino, protagonista de **Fogo Morto**, é a voz solitária em meio ao favoritismo e poder exacerbado que pairam sob o mundo dos coronéis; tocado pela insanidade, luta por um mundo mais justo e igualitário.

“Eis um dos principais aspectos do quixotismo: a solidão na luta. [...] ele luta sozinho contra quantos e quais forem os inimigos, gente ou gigantes, encantadores ou exércitos.” (BERNARDO, 2006, p. 71) Cada indivíduo representa apenas uma das classes em luta. **Dom Quixote** satiriza o heroísmo desgastado da cavalaria e a degradação da sociedade burguesa. O Coronel Ponciano é o representante do mundo do coronelismo que está morrendo, contra a degradação do homem na sociedade capitalista moderna, satirizando os falsos valores do mundo do coronelismo e, por outro lado, criticando os valores degradantes da sociedade emergente. Por outro lado, Vitorino é a voz solitária que clama por um mundo novo, livre do clientelismo característico da política do coronelismo, é o representante da classe esmagada pelo poder dos coronéis, em um momento em que esse poder já está em decadência. Mesmo que cada um dos autores trate o assunto à sua maneira, nas três obras os protagonistas são heróis às avessas, tocados pelo traço da loucura em meio a uma sociedade desigual, detentora de valores degradantes.

O tema do poder, universal, perpassa essas obras, particularizando-o e figurativizando-o no espaço e nas performances de seus protagonistas: D. Quixote, Ponciano e Vitorino. As três personagens são figuras anacrônicas, incompatíveis com o tempo e espaço em que vivem. O que os torna personagens autocentradas, vivendo num tempo/espaço em que suas condutas não correspondem à realidade que os cerca.

O tema da loucura, também universal, está estreitamente ligado ao tema do poder, nos possibilitando o confronto entre os percursos figurativos desses três grandes anti-heróis. Nossos três protagonistas são tocados pela “loucura da vã presunção” - conforme tipologia de Foucault (1999) - que corresponderia à relação imaginária que cada personagem estabelece consigo mesma, por meio de um delírio de auto-valorização, atribuindo-se características irreais ou, pelo menos, que não estão em consonância com a realidade que as cerca. Cada uma, por meio de um delírio de auto-valorização, cria, ao

redor de si, uma redoma que a impede de traçar os limites entre a realidade, a ficção e o delírio, promovendo constante inquietação nessas personagens, que se acreditam capazes de ajustar o mundo aos ideais. De alguma forma, como aponta Marchezan (2002, p.44), ao comparar Vitorino e Ponciano, essas personagens “têm no delírio a maneira de se colocarem no centro do mundo”. Apesar do homem insano ser aquele tomado em um mundo social real, sancionado negativamente pela sociedade de que faz parte, nossos anti-heróis fazem da insanidade uma maneira de se colocarem no centro do mundo. Possuem o traço do trágico-cômico; trágico quando se pensa na impotência do ser diante do mundo, porém descambam para o cômico quando exageram em suas ações e falas, tornando-se hiperbólicas, burlescas.

Ao longo dos tempos, “ser diferente” caracterizou a loucura. E o homem, de modo geral, sempre possuiu grande dificuldade em aceitar o diferente, assim como ser diferente em um grupo. A loucura é uma forma de se sair da realidade, quando percebemos a fragilidade de nossa identidade. A loucura é a verdade de cada uma de nossas personagens centrais, que abdicam de julgar a verdade dos demais. Quando Quixote e Ponciano percebem que suas verdades não correspondem às verdades dos demais, sucumbem. Ao contrário, Vitorino faz de sua loucura sua verdade até o fim, sem se importar com a verdade do coletivo. É a única maneira em que o homem pode manter sua integridade, construindo sua própria verdade, ficando imune ao olhar julgador do social. Quando a verdade do Outro adquire maior dimensão que a verdade individual, há o choque do reconhecimento do homem de sua impotência diante do mundo.

Dom Quixote é o eterno sonhador que cruza terras desconhecidas na tentativa de buscar uma realidade que lhe seja mais adequada, sonha endireitar o mundo, no entanto nunca conseguiu passar dos limites da região da Mancha. Depois de muitas decepções, num momento de epifania, recobra a razão ao perceber que o mundo por ele idealizado não existe, morrendo por não poder adequar-se a um mundo que não é o seu. Por outro lado, o Coronel Ponciano herda do avô uma identidade que não é a sua. Recebe, como herança, as terras e a patente de coronel, porém não é esse seu papel, deram-lhe uma roupa que não era a sua. Na tentativa de corresponder a um papel que não é o seu, perde-se. Não reconhece ou não quer reconhecer sua inadequação, e, quando o reconhecimento finalmente acontece perde a razão e morre.

Os dois protagonistas encarnam o indivíduo que não interage com o meio e, não se sentindo parte dele, precisam mudá-lo de alguma forma. Demonstram uma grande incapacidade de se ajustar, de forma equilibrada, aos espaços da narrativa. Alienam-se, cada qual em seu mundo, na tentativa de atenuar a angústia do ser inadaptado ao meio. À primeira vista, os respectivos romances dão-nos a impressão de tratar da trajetória mal sucedida de seus protagonistas doidivas. Entretanto, num olhar mais atento percebemos a profundidade psicológica desses heróis inadaptados aos seus respectivos sistemas ideológico-sociais.

O Coronel e o Lobisomem e Dom Quixote de la Mancha mostram-nos concepções de tempo em conflito. Ponciano de Azeredo Furtado, com a herança do avô, torna-se coronel em uma época em que já não havia mais função política para o coronelismo e Dom Quixote, por sua vez, com a leitura adquirida de romances de cavalaria, faz-se cavaleiro numa época em que já não existem cavaleiros. Na personagem do coronel Ponciano, a heroicidade é uma farsa. Na de Dom Quixote, ao contrário, há idealismo. Ponciano não se propõe a enfrentar os perigos com a galhardia

de um herói. Seu heroísmo é patético, suas convicções são frágeis, ao contrário das rígidas convicções de Dom Quixote.

Ponciano deseja a manutenção do poder e respeito adquiridos pelo avô Simeão, não aceita o mundo novo que urge e, assim, pretende justamente o contrário de que procura Dom Quixote: reafirmar as leis e costumes vigentes, nos quais ocupa papel de destaque. Durante toda a narrativa, ele tenta manter sua posição intacta, “luta” para sustentar sua aparência de todo poderoso. Na maioria das vezes, porém, é obrigado, de modo desastrado e ao mesmo tempo engraçado, a tomar certas atitudes, é empurrado pelas circunstâncias nas quais se vê envolvido. Permanece em um mundo fictício, em ruínas, mas, quando é finalmente vencido pelo novo, perde sua identidade e razão, e já não pode fazer parte desse mundo.

Dessa forma, os protagonistas, mesmo diante de destinos opostos, Ponciano, da razão para a loucura, e Dom Quixote da loucura para a razão, são contrapontos em duas trajetórias de vida ilusórias. Temos dois protagonistas visionários que se acreditam munidos de poder para endireitar o mundo. Passando-se pela instância do poder, percebe-se que o poder de Quixote e Ponciano é imaginário. Dom Quixote veste-se com uma armadura velha, que pertenceu aos seus ancestrais. Quer reformar o presente com as armas do passado e, por isso, fracassa. Seu elmo de Mambrino é fantasioso, na verdade não passa de uma bacia de barbeiro. Mesmo quando Sancho Pança lhe chama atenção para o fato, Quixote responde que cada um vê o que quer ver, basta acreditar. Mesmo desprovido de vestuário adequado, Quixote acredita em seu poder de defender os oprimidos, “é o meu ofício e exercício andar pelo mundo endireitando tortos, e desfazendo agravos” (CERVANTES, v. 1, p. 158). Cada ser encontra sua forma de colocar-se no mundo. Mas, talvez o mal de nossas personagens advenha da crença total, porque “pouco importa aquilo em que se acredita, desde que se não acredite completamente.” (RUSSEL, 1965, p.213). A crença total leva à loucura.

Ao invés de castelos a defender, dragões e mouros a expulsar, o que Quixote encontra, na região da Mancha, são casebres, albergues, bodegas, cavalos magros; em lugar de lindas e delicadas donzelas depara-se com mulheres sofridas e vulgares. Mesmo assim, mantêm-se fiel ao seu dever de lutar pelos “injustiçados”, saindo em defesa de ladrões, condenados, damas de integridade duvidosa. Encontra pessoas que acabam se divertindo com o despautério das situações nas quais se envolve. Seus inimigos reais são a estrutura política rígida, ricos vassalos, a polícia, a igreja, ou seja, as instituições do poder, que não estão em consonância com seu modo de vida. Dom Quixote é um fidalgo, descende de uma linhagem nobre falida, não concorda com os valores estabelecidos, em que as pessoas não “iguais” em seus direitos.

Ponciano, da mesma forma, advém de uma família afortunada, utiliza-se de sua patente de coronel e da herança do avô para manutenção do poder. Acredita que sua grande estatura, o vozeirão, a demonstração de coragem são suficientes para fazer-se respeitar. Até mesmo o charuto faz parte de sua performance, “serve para espantar o povinho dos empréstimos”. Há o vozeirão, a grande mula, que é a melhor da região, a grande estatura, os móveis fortes e grandes, feitos pelo avô; dessa maneira, tudo nele é grandioso e melhor. Contudo, a grandiosidade física e do vestuário, enfim da aparência, não correspondem à grandiosidade do ser. Tudo em Ponciano é grandioso, menos suas convicções.

As três personagens são hiperbólicas, agem tomadas pelo exagero, dispõem da grandiloquência quixotesca. Tanto em Dom Quixote quanto em Vitorino há, por parte da narrativa, uma ênfase em seus traços negativos – magros, mal vestidos, montarias

ruins – mas, corajosos, crentes em seus ideais; todavia, em Ponciano há valorização de traços positivos – alta estatura, forte, bem vestido, boa montaria – mas suas crenças são frágeis porque lhes foram impostas, como herança, pelo avô Simeão.

Quixote e Vitorino são frágeis, magros, suas montarias são ruins, mas possuem firmeza em suas ações. São corajosos, levam a sério suas verdades e abdicam de julgar a verdade dos demais. Vitorino também possui parentes poderosos, influentes, porém, em seu desvario, sonha em derrubar a todos, construir um novo governo, “com ele não havia grandes, mandando em pequenos”. Seu poder é imaginário, carrega no nome o paradoxo, enquanto diz que muitos andavam atrás dos poderosos como se fossem carneiros, ele é Vitorino Carneiro da Cunha. Apesar de se sentir “como se fosse senhor do mundo”, Vitorino é como um carneiro, é inofensivo. Seu poder também é limitado, como o de Ponciano e D. Quixote.

Os parentes se riam de seus rompantes, de suas franquezas. Eram todos uns ignorantes [...] era melhor ser como ele, homem sem um palmo de terra, mas sabendo que era capaz de viver conforme os seus desejos. Todos tinham medo do governo. Todos iam atrás de José Paulino e de Quinca do Engenho Novo, **como se fossem carneiros de rebanho. Não possuía nada e se sentia como se fosse senhor do mundo.** (REGO, 1997, p. 253) (grifos nossos)

Em seu desvario para manter uma existência ultrapassada, Ponciano arma-se de procedimentos que já não mais possuem razão de ser, não percebe que o perigo maior advém dos novos valores, que já não estão ligados a questões de honra e tradição. A herança do avô não foi apenas monetária, mas também de uma postura diante da vida, que não lhe é própria, não está de acordo com sua identidade, tornando-o contraditório. O problema maior está nos novos tempos, para os quais não tem nenhum tato, nenhuma aptidão, pois não sabe lidar com a esperteza e a malandragem da nova sociedade. Herdou do avô um papel que não era o seu.

Os delírios de Ponciano estão voltados para a formação que lhe deu o avô, nos moldes do coronelismo. Ponciano age sempre de acordo com as expectativas do avô e por isso é alienado em relação ao discurso que o constitui. Ponciano é uma personagem dividida, que sucumbe exatamente por se ver impotente diante de dois tempos – o anterior e o posterior à morte de Simeão, seu avô. Esses dois tempos são representados, no romance, por sua vida no campo e pela experiência em viver na cidade [...]. (MARCHEZAN, 2002, p.45)

Talvez as convicções de Ponciano sejam tão frágeis porque ele herdou do avô uma identidade que não era a sua, foi forçado a usar uma máscara social que não lhe cabia, ao contrário de Dom Quixote que, por idealismo, optou por usar sua máscara de cavaleiro andante, mesmo em uma situação inadequada. Ponciano, na aparência, é o todo poderoso, mas na essência é um ser contraditório, sem identidade própria. Ambos, nas inúmeras tentativas de adequarem-se aos seus papéis, exageram, e no exagero descambam para o cômico.

O elemento espacial será de grande importância para o desenvolvimento dos percursos narrativos de Ponciano e Quixote. Pode-se dizer que a viagem, as andanças das duas personagens, é que mudará radicalmente suas vidas, encaminhando cada qual para seu destino trágico. Dom Quixote sai, por três vezes, de sua fazenda, em busca de aventuras, na defesa do fraco e oprimido pelo sistema. Sua trajetória fala da inocência tentando sobreviver em um mundo de ladrões, charlatões, mendigos, vadios e esfarrapados, numa vã tentativa de aventurar-se, ter esperança, numa terra empobrecida,

e que sonha com os tempos de glória de uma nobreza decadente. Louco é aquele que perdeu tudo, menos os sonhos, então, quando Quixote percebe que já não pode viver nesse mundo ilusório criado por ele, é o fim. O retorno à lucidez, à realidade, isso sim, será a morte do bom Alonso Quijano.

De igual maneira, Ponciano vai para a cidade por duas vezes, deixando a fazenda, o lugar onde sempre vivera. Na fazenda, o coronel livra o povo do valente do circo, de onças, de lobisomens, sereias, e todo tipo de encantamento. A fazenda é o lugar onde se faz respeitar, em que pode desempenhar seu papel, para o qual fora designado pelo avô, com perfeição. Quando o coronel vai viver na cidade em meio à “demanda de Foro” e “prática de safadeza”, situações para as quais não está preparado, começa sua ruína, pois passa a viver em um espaço que não é mais o centro de onde emana seu poder. Suas façanhas estão localizadas nos pastos e, no entanto, vai para a cidade na tentativa de desvencilhar-se da identidade recebida do avô, prova disso é que durante o tempo em que fica na cidade não ocupa a casa da rua da Jaca, herança do avô, onde passara sua infância. Procura modelos a imitar e como não se dá muito bem no traquejo com o sexo oposto, sonha ser um Juju Bezerra, sucesso entre as mulheres. Enquanto tenta adaptar-se a todo custo a essa nova vida, não percebe que suas palavras não ultrapassam os pastos do Sobradinho. Na cidade, ele é o estranho, é enganado por homens e mulheres, que acabam por dilapidar sua fortuna. Próximo à ruína, o último dos Azeredo Furtado volta ao campo, desiludido, enlouquece e morre.

As trajetórias de Quixote e Ponciano narram o choque do reconhecimento, de ambas as personagens, de sua desvalorização diante do mundo, do seu desajuste perante as novas regras de comportamento da sociedade. Conforme o tema da viagem, todo aquele que viaja volta transformado. Em busca do sonho, do encontro de sua identidade, Dom Quixote passa da loucura para a lucidez; Ponciano, da razão para a loucura. Nesse momento seria adequada uma fala da sobrinha de D. Quixote, a respeito de suas andanças, que, na verdade, cai bem aos dois protagonistas em questão: “não estaria melhor estar-se manso e pacífico em sua casa, em vez de ir pelo mundo procurar pão fino, sem se lembrar de que muitos vão buscar lã e vêm tosquiados?” (CERVANTES, v.1, p.69). Suas viagens, suas saídas ligam-se às suas decadências e finalmente à ruína desses loucos, excêntricos, que vêem no exagero uma forma de colocarem-se no mundo. As duas personagens são cômicas, autocentradas, criam um mundo fictício, um mundo próprio que se confronta com o que as rodeia, pois suas concepções de mundo estão ultrapassadas em relação às suas existências. No momento em que o mundo real se sobrepõe ao ilusório criado por cada um deles, perdem-se e não conseguem fazer com que suas ações tenham sentido, pois o interior de cada um não possui correspondente externo. De certo modo, quando deixam de acreditar em seus valores, morrem. O sonho é o que os mantém vivos. Simões (1938, p. 83) afirma que “no descompasso entre o destino e o sentimento, a realidade e o sentido, a alma e o mundo, o romance conta a história de heróis que estão sempre em busca e que já não contam com o amparo providencial dos deuses” ou, segundo Lukács (1933, p. 103), de algum modo o romance demonstra a inadequação entre o mundo interior e o mundo exterior, assim o herói do romance equivale à abelha que se choca contra o vidro sem perceber que por ali não há caminho.

Não podemos esquecer do riso provocado pelas ações desses excêntricos protagonistas. **Dom Quixote** e **O Coronel e o Lobisomem** tratam-se, respectivamente, de paródias dos ideais cavaleirescos e da política do coronelismo. Temos uma interdiscursividade entre as duas obras, que trabalham com ideologias vencidas. Os espaços e os tempos são outros, mas tanto Cervantes quanto Cândido de Carvalho

trabalham a questão de valores ultrapassados de modo semelhante, parodiam comportamentos.

Para Ponciano, assim como para Dom Quixote, não há volta, a loucura advém da inadaptação do ser ao meio e em ambos os casos não há retorno, a única possibilidade é a morte. “Em Cervantes [...], a loucura sempre ocupa um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso. Nada a traz de volta à verdade ou à razão. Ela opera apenas sobre o dilaceramento e, daí, sobre a morte”. (FOUCAULT, 1999, p. 3)

Há uma In-dependência entre Razão e Loucura, assim como a morte é a não vida, a loucura é a não razão, não obra. Nesse sentido, Quixote e Ponciano operam sobre a Morte, pois não lhes resta alternativa e não conseguindo sobreviver em meio a uma sociedade com a qual não possuem qualquer identidade sucumbem. Pelo contrário, para Vitorino, a loucura é a “vida”, a única forma encontrada para conseguir sobreviver em um mundo corrompido, degradante.

Para Vitorino o quixotismo tornou-se uma forma de vida. Luta contra os desmandos locais e com isso consegue manter sua alma viva. Ao transgredir as leis, enfrentar o poder, Vitorino consegue manter-se vivo. A personagem descamba para o exagero; a despeito de sua insanidade, é um dos poucos moradores que consegue perceber o que realmente acontece e não aceita ser mandado nem ser privilegiado pelo parentesco com os poderosos do lugar.

Mestre Amaro, um dos protagonistas de **Fogo Morto**, fez-se respeitar, mas sua voz foi abafada pela voz do poder, culminando com sua morte. E, por ironia, Vitorino que sempre foi desprezado por Mestre Amaro, por suas atitudes insanas e por não conseguir ser respeitado nem mesmo pelas crianças da vila, é quem o socorre no final da narrativa. Vitorino consegue se manter vivo porque sua voz dissonante tem força e apesar de nem sempre ser ouvido, age com convicção, acredita-se capaz de mudar a situação local. Em sua insanidade, Vitorino é admirado pela coragem e obstinação com que enfrenta a tudo e a todos. Para ele um homem que luta por seus ideais nunca será desonrado ou considerado inferior, seja o que quer que lhe aconteça, o importante é a voz que não se cala. Assim como Quixote, Vitorino acredita que somente pela honra e pela liberdade se pode e se deve arriscar a vida, sendo fiel às suas crenças.

[...] Vitorino fechou os olhos, mas estava muito bem acordado com os pensamentos voltados para a vida dos outros. [...] Todos necessitavam de Vitorino Carneiro da Cunha. [...] O governo não podia com sua determinação. Ele sabia que havia muitos outros tenentes Maurícios na dependência e às ordens do governo. [...] **Mas Vitorino Carneiro da Cunha mandava no que era seu, na sua vida.** As feridas que lhe abriam no corpo nada queriam dizer. **Não havia força que pudesse com ele.** Os parentes se riam de seus rompantes, de suas franquezas. Eram todos uns ignorantes [...] era melhor ser como ele, homem sem um palmo de terra, mas sabendo que era capaz de viver conforme os seus desejos. Todos tinham medo do governo. Todos iam atrás de José Paulino e de Quinca do Engenho Novo, como se fossem carneiros de rebanho. **Não possuía nada e se sentia como se fosse senhor do mundo.** (REGO, 1997, p. 253, grifos nossos)

[...] um homem que se preza não deve se entregar [...]

— É, Vitorino, mas tu vai sofrer outra desfeita.

— Que desfeita? **Um homem que luta não é desfeiteado** [...] (REGO, 1997, p. 255, grifos nossos)

Adriana, mulher de Vitorino, sempre se envergonhara das ações do marido, vivia tentando trazê-lo de volta à realidade, vendo-o somente como motivo de chacota para o povo do lugar. Queria que mudasse de vida, se aproveitasse da posição dos parentes para que seu filho um dia pudesse se orgulhar dele. Não conseguia entender as atitudes do marido, mas, caminhando para o desfecho da narrativa, depois que Vitorino apanha muito por afrontar os soldados do governo, Adriana, pela primeira vez, consegue ver a grandeza de Vitorino. Mesmo com todos seus desatinos, ela começa a perceber a bondade e a grandeza desse homem dono de gestos e palavras tão descomedidos.

O seu marido dormia como um justo. Ela, que fora uma retirante da seca, que se casara sem amor, somente para fugir da miséria, só porque tivera um convite para fugir para longe, pensara em abandonar o seu Vitorino que só tinha palavras na boca, que era tão bom para os outros. Já era tarde, e ele ainda dormia. O coronel José Paulino viera de seu engenho para tomar as dores pelo seu marido. Eram parentes. Mas Vitorino não precisava de ninguém. Ele era homem para agüentar os perigos. Bem que o filho acreditava no pai. Pela primeira vez em sua vida, ela via a grandeza de Vitorino Carneiro da Cunha. (REGO, 1997, p. 248)

Apesar das semelhanças, nossos protagonistas apresentam formas diferentes de loucura. Para Quixote e Ponciano não há volta, temos a dualidade Loucura-Razão que leva à morte. Pela completa impossibilidade de se adequarem ao mundo que os cerca, perdem-se em si mesmos, fazem-se desacreditados, suas vozes são abafadas pelo poder vigente, suas vidas se anulam e não conseguindo sobreviver em um mundo no qual não acreditam, caminham para a morte. Foucault (1999) aponta que a morte de Dom Quixote representa o encontro da loucura com a morte, encontro que faz com que essas duas figuras terminem por constituir “uma única entidade”. No entanto, para Vitorino a loucura foi a única forma encontrada para manter-se vivo, intacto às degradações de um mundo insano. A loucura, para ele, representa uma proteção contra a injustiça e a desigualdade existente entre os homens, é uma forma de não se deixar contaminar. Vieira (2002) diz que o torna diferente dos demais é a sua configuração quixotesca que o leva a lutar pelos mais fracos, fazendo de sua palavra sua arma principal, rondando os campos sempre montado num cavalo franzino. Porém a grandeza da personagem está justamente na contradição que o perpassa, sua fragilidade física é compensada pela densidade moral, o fracasso na ação pela intenção humanitária. Sua expressividade está justamente na resistência, no sentido de assegurar os princípios humanitários num mundo que parece se perder num redemoinho. Mesmo que não possa transformar a realidade, sua ação alimenta o projeto quixotesco de uma nova sociedade.

Referências Bibliográficas:

- BERNARDO, Gustavo. **Verdades quixotescas**. São Paulo: Annablume, 2006.
- CAL, Ernesto Guerra da. **Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1973.
- CARVALHO, José C. **O Coronel e o Lobisomem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de la Mancha**. (trad. Viscondes de Castilho e Azevedo). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005. 2 v.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- LUKÁCS, Georg. **Teoria do Romance**. Lisboa: Presença, 1933.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. **Fogo Morto e O coronel e o lobisomem**: Duas vertentes de uma poética da loucura na literatura brasileira. In: _____; TELAROLLI, Sylvia (Org.). *Cenas Literárias*. Araraquara: Laboratório Editorial, UNESP/FCL; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: Klick, 1997.

RUSSEL, Bertrand. **Realidade e Ficção**. Lisboa: Europa-América, 1965.

SIMÕES, João Gaspar. **Novos Temas**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1938.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. “Escritura cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro”. **Revista Hispania**, v. 85, n. 3, september 2002.

ⁱ **Eunice Prudenciano de SOUZA, Mestre e doutoranda em Letras.**

UNESP, Campus de Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Literatura.

euniceprus@yahoo.com.br